

LIMA BARRETO: O ANARQUISTA DO RISO

Elizabeth Gonzaga de Lima¹

*“Melhor é de risos que de lágrimas
escrever porque o riso é a marca do
homem.”*

Rabelais

“Troças, troças, sempre troças...”

Lima Barreto

A visão de um mundo dividido entre a ordem e a desordem, o feio e o bonito, a seriedade e o riso...tem marcado a trajetória do ser humano.

Esse eterno jogo de oposições impregnou a criação artística do homem ao longo de sua história, e nas manifestações literárias não têm sido diferente, segue-se a mesma trilha.

Na literatura brasileira observa-se a tendência de prestigiar o belo, a ordem, o sério. Inegavelmente essas categorias são colocadas num plano superior aos seus opostos. Essa linha de pensamento, com o passar do tempo sacralizou-se, tomando foros de oficialidade dentro do fazer literário.

Alguns escritores teceram suas redes literárias opondo-se aos moldes estabelecidos, por vezes de maneira provocadora, buscando destruir as estruturas cristalizadas. O embate da provocação ocorre através da negação ao discurso oficial, invertendo e transgredindo a ordem. A opção por essa postura, encontra no riso, no cômico, uma arma poderosa.

Os autores que fizeram a escolha por essa trilha tortuosa, tiveram suas obras marcadas pela resistência, pelo preconceito dos possíveis detentores do poder da palavra escrita.

¹ Profª de Literatura Brasileira no Campus de Catalão da UFG. Especialista em Literatura Brasileira pela PUC-MG.

A literatura brasileira nos fornece um caso de opção pela contramão ao discurso estético - literário vigente, Lima Barreto, conhecido por usar a literatura como arma de combate.

Intellectual controvertido por assumir uma posição eclética no campo das idéias, simpatizou-se a princípio pelo positivismo, depois pelo socialismo. Manifestava idéias do liberalismo spenceriano, finalmente assumiu uma postura anarquista, essa projetou-se em artigos e em crônicas nos jornais e em seus livros.

A ficção barretiana foi construída em meio às grandes transformações ocorridas na sociedade brasileira em princípios do século XX. A abolição da escravatura, a proclamação da República em 1889, sob a égide militarista, são algumas mudanças marcantes para a vida pessoal e profissional de Lima Barreto.

O abandono do curso de engenharia e as dificuldades econômicas levaram-no a optar pela carreira jornalística, os jornais desse período mesclavam notícias e literatura. Possuindo um senso de observação e uma consciência crítica agudíssima, Lima percebeu através do ambiente das redações a mediocridade intelectual, a imoralidade política que assolava o país. Esse estado de coisas tornaram-se materiais básicos para seus trabalhos jornalísticos e literários.

O ano de 1909 foi um marco em sua vida atribulada, após várias tentativas para o lançamento de seu primeiro romance, "*Recordações do escrivo Isaiás Caminha*", este ironicamente, publicou-se via Lisboa.

Nessa primeira produção revelou a base de sua narrativa, a denúncia social pelo viés da ridicularização. Mostrou-se inimigo ferrenho dos mandatários do saber, da política, enfim, radicalizou contra a ditadura da dominação. A despeito das violentas discriminações sofridas devido a esse perfil crítico, não se intimidou, mantendo essa consciência engajada durante toda sua vida.

As suas obras mais conhecidas, normalmente, levam no título o nome dos protagonistas. O escritor sempre construiu suas personagens em função de suas idéias sociais, veiculando através delas a visão de um país marcado por injustiças, preconceitos e por contradições políticas e ideológicas profundas.

Nessa primeira obra, persegue a trajetória sofrida do mulato Isaiás Caminha numa redação de jornal, extremamente competitiva e parcial.

proclamado a República (...) vi que a tal de República, que tinha sido feita, espalhava pelas ruas soldados embalados, de carabinas em funeral. Nunca a estimei, nunca a quis (...). Eu, há mais de vinte anos, via a implantação do regime. Vi-a com desgosto e creio que tive razão."

Em 1918 no jornal ABC, seu constante repúdio à República explode num tom retórico moralizante, impregnado por uma ironia sarcástica: *"(...) proclamada que foi a república, ali, no campo de SantAna, por três batalhões, o Brasil perdeu a vergonha e os seus filhos ficaram capachos, para sugar os cofres públicos, desta ou daquela forma. Não se admite mais a independência de pensamento ou de espírito. Quando não se consegue, por dinheiro, abafa-se.*

É a política da corrupção, quando não é a do arrocho.

Viva a República! "

Esse repúdio à república transformou-se num projeto polêmico e esquecido no conjunto de sua obra - *"Os Bruzundangas"* - considerada uma sátira grotesca.

Nesse projeto, o foco central serão as situações criadas pelo sistema político de um país imaginário. Logicamente, o alvo era a república. Optando pela crítica indireta, criou uma nação exótica, a **República dos Estados Unidos da Bruzundanga**, espelhando de maneira deformante e com intensa carga cômica a república brasileira daquele tempo.

A idéia de escrever algo sobre a Bruzundanga foi manifestada no artigo *"Eu também"*, quando manifestou o desejo tornar-se autor dramático: *"Acabo, agora mesmo de ler um livro sobre Aristófanes (...) E a leitura mais me convenceu que eu devia tentar o gênero. Aqueles CAVALEIROS, AS NUVENS, A LISISTRATA e as suas outras comédias que eram comentários grotescos, facetos, irônicos, mas meditados, dos acontecimentos sociais de sua terra, encheram-me de um entusiasmo, de imitar, conforme me fosse possível (...) A minha peça - há de ser qualquer coisa da Bruzundanga, uma guerra da, uma eleição da, o Estado da, ou outra coisa semelhante e parecida com isso; mas há de ser da Bruzundanga, porque é o país de que mais gosto entre todos, inclusive o meu (...)"*.

Apesar de manifestar-se desejoso em realizar um projeto de dramaturgia, no prefácio da obra registrou como *"despretensiosas notas"* de viagem por um país desconhecido. Alguns críticos iriam

Certamente, hoje essa obra ganha força, pois um século da proclamação da República suas críticas e observações continuam sendo reconhecíveis no Brasil contemporâneo. Os contrastes sociais gritantes, os valores invertidos, a proliferação do falso saber., delineiam uma neobruzundanga na república brasileira atual.

A única revolução a ser implantada nesse cenário, Lima Barreto já havia indicado: ***“Nada de violências, nem barbaridades. Troça e simplesmente a troça, para que tudo caia pelo ridículo. É o que aconselho a todos os revolucionários.”***

É impossível imaginar a evolução do homem e das artes sem essa força transgressora e impiedosa do riso, mas ao mesmo tempo catártica e transformadora. Imprescindível à compreensão do universo humano e ficcional.

Em "*Triste Fim de Policarpo Quaresma*", o major Quaresma encarna o nacionalismo ingênuo e fanatizante, tornando-se vítima de um regime republicano tirânico. "*Numa e Ninfa*", a condição política e social do país é delineada através da vida pública de Numa Pompílio, um político medíocre. Em "*Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*", o autor realiza um corte em sua composição literária, aplicando matizes filosóficos instaurados pelos conflitos interiores do funcionário público Gonzaga de Sá. Apesar do desvio em relação às obras anteriores, persistiram as críticas à hipocrisia social e ao caos político. Mesmo tendo marcado seu universo ficcional basicamente por personagens masculinos, em "*Clara dos Anjos*", focaliza os sonhos desfeitos de uma mulher suburbana, marcada pela ingenuidade, pobreza e cor da pele. O drama pessoal de Clara, de certa maneira, retratava a inferioridade das mulheres do subúrbio.

A gama pesada de temas polêmicos para o seu tempo, recebeu um tecido fundamental para a aceitação pública sem maiores traumas, o cômico. A escolha de provocar o riso em seus leitores e usá-lo também como provocação, permeou todo o conjunto de sua obra. Lançar mão do ridículo e do escárnio atraía Lima, assumindo publicamente essa posição: "*A troça é a maior arma de que nós podemos dispor e sempre que a pudermos empregar é bom e é útil.*"

Os artifícios empregados em sua produção literária para provocar o riso, fluíram através de personagens e comportamentos caricaturais. As situações passadas por estes seres ficcionais, eram extremamente bizarras. Obviamente que o emprego desses recursos na estrutura da narrativa necessitava de uma linguagem simples e descomprometida, próxima do cotidiano e do imaginário popular.

Aparentemente, o predomínio desse discurso cômico poderia soar como inconseqüência, mas o objetivo do escritor era trocar a consciência do povo e da elite para as aberrações sociais que imperavam na sociedade brasileira.

A preocupação constante da denúncia social, possivelmente, decorrida de um acontecimento histórico que o marcou profundamente, a proclamação da República. Em artigo intitulado "*O momento*", veiculado pelo Correio da Noite em 03.03.1915, disparou em tom confessional: "*Sempre fui contra a República. Tinha sete anos e vinha do colégio primário (...), quando me disseram que se havia*

caracterizá-la como crônicas de cunho satírico, na classificação didática recebeu a denominação de sátira.

A caracterização como crônica, provavelmente deveu-se às circunstâncias pelas quais Lima Barreto produziu essa obra. A partir de 1917, lançou fragmentos de seu projeto literário em suas colunas no semanário ABC. Tomando a posição de um narrador - repórter, relata os fatos, as situações observadas numa viagem à fantástica Bruzundanga. Eram registros superficiais, mas passíveis de ser reconhecidos no próprio Brasil. A aplicação dessa estratégia estabeleceu o princípio básico da crônica, registrar o circunstancial.

Qualquer que seja a classificação recebida, pode-se perceber a tessitura satírica perpassando toda a narrativa dos "*Bruzundangas*". A intenção do autor fica evidente no próprio título, pois bruzundangas ou burundanga é um brasileirismo de palavreado confuso, trapalhada. A República da Bruzundanga, portanto, seria o país das trapalhadas.

As cenas ou os quadros revelavam uma caricatura grotesca do Brasil. Em traços rápidos e deformantes apresentavam todos os substratos sociais do país. Na política, na elite intelectual, o normal era a mediocridade, o descomprometimento em todos os níveis. Diante dessa caricatura ridícula, a seriedade torna-se impossível.

Nesse sentido, essa ficção satírica surgiu como transgressão e ruptura em relação ao discurso literário predominante no Brasil - o neoparnasianismo, símbolo de alienação e futilidade. Lima desafiava o tom ornamental dessa literatura de maneira ferina: "*sonetos bem rimadinhos, penteadinhos, perfumadinhos e lambidinhos...*"

Esses poetas tornaram-se matéria nas páginas iniciais de "*Os Bruzundangas*". O leitor reconhecerá a dimensão da crítica indireta através da **Escola Samoieda**, onde os "vates" reuniam-se solenemente para a medição de versos, e num esforço concentrado para a imitação de seu poeta maior, **Tuque-Tuque**.

Por trás dessa troça impiedosa, o jornalista militante, tentava levar seus leitores ao repúdio de qualquer identificação em relação a estas situações, e numa perspectiva maior despertá-los à consciência crítica.

De propósito ou não, durante um período de mais ou menos cinquenta anos após o falecimento do autor, sua obra foi praticamente esquecida. Felizmente, alguns críticos resgataram-na através de pesquisas literárias.